



Interseccionalidade em educação e saúde: o livro Cenários da Saúde da População Negra no Brasil - Diálogos e Pesquisas, 2016.

Lucia Ferraz Vargas de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

aguiafvs@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2362>

Como profissional da educação que busca respostas para prática escolar e o pensamento transformador de nosso cotidiano, vejo no livro a materialização das necessidades de uma educação e formação em saúde que considere os sujeitos nas instituições e no corpo das políticas de estado que visem aportes para uma educação institucional em todos os âmbitos dos setores estratégicos de desenvolvimento das pessoas, seres humanos, na contemporaneidade brasileira. Para tanto, pensar numa educação institucional que preze os sentimentos humanos de nossas crianças, jovens e adultos, precisa ser o valor primeiro das ciências e não exclusivamente das ciências do campo educativo formal, pertencente à instituição “escola”. É preciso ir além, para o encontro com os sujeitos do cotidiano do país. Ao encontro da vida dos 52% da população negra no Brasil. Isso se faz necessário, porque são vivências, em sua maioria, marcadas por exclusões que causam o adoecimento psíquico desses sujeitos nas relações étnicas que se estabelecem em suas vidas.

As situações reais do estigma da exclusão e do racismo se fazem presentes no cotidiano escolar e fora dele e tem vitimado crianças negras e brancas. Aos primeiros, por terem suas identidades violentadas, e, portanto, vulneráveis diante de um currículo e práticas educativas que não valorizam suas vivências, sensibilidades e ancestralidades; aos segundos por desenvolverem dimensões imaginárias de superioridade, que se concretizam no suposto “desvalor do outro” que não é sentido e visto como seu igual - humanamente. Esta consciência interpretativa, esta leitura conjuntural do contexto, se torna possível quando há amplitude de olhares, deixando de ser exclusividade da educação para alçar outros campos de compreensão em todos os seguimentos sociais ligados ao desenvolvimento das pessoas, população negra, indígena e branca: o campo das relações étnicas.

Nesse ínterim, a psicologia com seus estudos e publicações, é muito importante e em alguns momentos tem colaborado para que a educação amplie seu olhar e alcance com mais primazia os diferentes sujeitos que se fazem presentes na sala de aula. De modo especial, aqueles que têm sido silenciados pela história oficial que é reproduzida pela escola: os negros e indígenas. Ao serem privados de sua história e memória social e coletiva, esses sofrem a negação social, a invisibilidade, que pretende um enfraquecimento identitário de suas condições emocionais e psíquicas. A escola e a educação avançaram no apoio ao fortalecimento, afirmação e reconhecimento destes sujeitos. As legislações da educação promoveram transformações no campo da saúde e interseccionalidade das relações étnicas como um todo. Já a psicologia, com sua importância na interpretação simbólica do contexto emocional e afetivo dos sujeitos, aparenta, em certo sentido, preterir as discussões em relações étnicas. Poucas são as publicações da psicologia que ampliam o olhar institucional do professor, da escola e dos sujeitos no embate das relações étnicas no cotidiano dos fazeres profissionais da educação e da saúde emocional. Por isso este livro é referência importante para educadores e profissionais engajados na escuta das vozes do Brasil que é negro e indígena, mas foi considerado, pela ciência, durante muito tempo, como se somente branco ele fosse. Esse era o seu desejo (da ciência, da política higienista e da ideologia do embranquecimento). Felizmente, a educação em parceria com a psicologia está ampliando a compreensão desses sujeitos possuidores de tempos e movimentos diversos para aprender; mas sobretudo para terem acesso ao direito de serem pensadores livres, sujeitos autônomos,

protagonistas de seu tempo e de suas vidas. Este livro é recheado desta interdisciplinaridade necessária¹.

Pesquisas recentes no campo educativo das relações étnicas, como as realizadas pelo ODEERE, no sudoeste da Bahia, em parceria com a psicologia tem favorecido uma rica leitura de como a criança negra tem percebido seu espaço escolar e evidenciado seu não silenciamento – sua recusa deste tipo de educação, seu protagonismo - frente a uma escola que exclui com suas ações homogêneas. Em situações impostas de silenciamentos, torna-se uma provocação instigadora buscar pertencimentos e legados afirmativos. A disciplina do programa de mestrado em relações étnicas e contemporaneidade da UESB “saúde mental da população negra e educação” ofertada em 2015, refletiu estas necessidades. O livro “Cenários da saúde da população negra no Brasil”, é produto de nossas preocupações acadêmicas e profissionais do campo psicológico, da saúde mental e da educação em seu sentido amplo e extensionista.

Por isso, o enfoque das questões de saúde mental do povo negro, fomentados pela psicologia é viés determinante e indispensável para que a escola/universidade promova práticas educativas e em saúde que favoreçam crianças, jovens e adultos saudáveis com espaços e políticas que aprimorem seus potenciais e competências, afirmando a crença de seu valor de sujeito portador de histórias e memórias capazes de protagonizar o exercício de liberdade e autonomia de suas vidas, com saúde emocional e psíquica, minorando o sofrimento e violência do racismo ainda presente no cotidiano de nossas instituições de educação e saúde.

O livro apresenta oito textos de autores com formação acadêmica e profissional diversa. Material inédito e raro discute em dois textos os aspectos da saúde mental da população negra. Este tema, saúde mental da população negra é, em certo sentido, “tabu” para a academia brasileira, que reiteradamente, a partir de seu campo de referência, psicologia, psiquiatria e psicanálise, negam-se a discutir a questão e pouco produzem sobre tais aspectos. Em geral as intersecções com a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise acabam sendo realizadas por estudiosos da educação, ciências humanas e sociais que sentem a lacuna do campo e acabam por realizar suas considerações conforme as condições que lhes é acessível. Os capítulos de Izildinha Batista Nogueira e Regina Marques de Souza Oliveira, ambas psicanalistas, tratam do assunto “tabu” para a psicologia e estudiosos do campo “psi”. Depois de Neusa Santos Souza, no Rio de Janeiro,

¹ SOUZA, Lúcia Ferraz Vargas de. *Identidade negra e processos subjetivos na infância: formas de enfrentamento do racismo*. Dissertação de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Campus Jequié), 2016.

Izildinha Batista, autora no livro, é pioneira na psicanálise em São Paulo, a tratar a questão. O texto de Regina Marques é instigante; porque congrega, além de apontamentos clínicos sobre a situação da saúde e estruturação psíquica das populações humanas frente aos processos de genocídio do negro africano, traz análises e considerações sobre o contexto também pouco considerado por estudiosos brasileiros, da saúde mental em relação ao massacre banalizado nas Américas, inclusive neste século, das populações indígenas².

Dos nove artigos que compõem o livro, cinco são pesquisas referentes ao campo psicológico, da saúde mental, assinados por psicólogos. Sociólogos, enfermeiras, assistentes sociais e uma médica, assinam os demais textos que transitam no campo das questões de gênero, sexualidade, ações afirmativas e equidade em saúde. O livro rompe com o modelo de saúde da população negra voltado exclusivamente para o âmbito da saúde coletiva e dialoga fortemente com a psicologia, ciência rara neste debate. Com tantas qualidades talvez o mais significativo mérito da publicação é reunir autores do norte ao sul do Brasil, com campos empíricos diferenciados na realidade nacional e reflexões internacionais (Colômbia e EUA). Portanto, é leitura obrigatória para os estudiosos das relações étnicas.

Sendo assim, é sempre bom lembrar que: é na Bahia, terra negra e santa por excelência, que a diáspora africana aportou. E é da Bahia que estes ecos sobre saúde devem ser levados para atravessar e romper com as ideias estigmatizantes (doenças) vindas de além mar. Que os mares brasileiros, manchados do sangue dos povos oprimidos do mundo, negros e indígenas, tragam as mensagens importantes para as revoluções necessárias para a vida em comunidade.

Referências

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza (Org.). *Cenários da Saúde da População negra no Brasil – diálogos e pesquisas*. Fino Traço/EDUFRB, 2016.

SOUZA, Lúcia Ferraz Vargas de. *Identidade negra e processos subjetivos na infância: formas de enfrentamento do racismo*. Dissertação de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Campus Jequié), 2016.

² OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *Cenários da Saúde da População negra no Brasil – diálogos e pesquisas*. Fino Traço/EDUFRB, 2016, p.12.

Lucia Ferraz Varges de Souza: Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Jequié), Especialista em Educação e Diversidade Étnico-cultural (UESB – Vitória da Conquista), Psicopedagoga pela Faculdade Montenegro (FAM/BA), Pedagoga (UESB-Vitória da Conquista), Professora dos anos iniciais na escola Municipal Antônio Carlos Magalhães (Rede Municipal de Cândido Sales/BA).

Artigo recebido para publicação em: Setembro de 2017.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2017.